

A LUDICIDADE COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO: UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Juçara Aparecida OLIVEIRA¹
Milene Bartolomei SILVA²

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa que tem como proposta encontrar professores da Educação Infantil com planejamentos e ações voltada para o lúdico. Como objetivo inicial, a pesquisa buscou verificar o papel da ludicidade como dispositivo pedagógico para o processo de aprendizagem das crianças da primeira etapa da educação básica e qual o olhar reflexivo que esse professor tem da sua importância na Instituição de Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa embasada nas concepções de Ariés (1981), de Kishimoto (1994, 1998, 2011), Huizinga (2012), no qual foi utilizada um questionário com questões abertas para os professores que atuam na Educação Infantil do Centro Integrado de Educação Infantil – CIEI, do município de Jardim/MS. Os resultados obtidos demonstram que os

¹ Professora do município de Jardim MS, área de Educação Infantil. Graduada em Normal Superior pela Universidade Estadual Mato Grosso do Sul (UEMS). Especialista em Docência na Educação Infantil. E-mail: juçara_oliveira@hotmail.com

² Doutora em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro Oeste pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Católica Dom Bosco e mestrado em Educação pela UFMS. Atua como professora do curso de Pedagogia da UFMS. E-mail: milenebatsilva@gmail.com

professores sabem que não devem ser apenas expectadores em sala de aula, mas participantes ativos nas brincadeiras, e que o brincar é fundamental na Educação Infantil. A partir das análises dos resultados da pesquisa pudemos observar que os professores sabem da importância de interagir sempre com as crianças nos momentos das brincadeiras e nas atividades lúdicas, pois isso incrementa significativamente o desenvolvimento delas na fase da Educação Infantil.

Palavras-chave: Professor. Ludicidade. Aprendizagem. Educação Infantil.

PLAYFULNESS AS EDUCATIONAL DEVICE: A LEARNING PROCESS

Abstract: This article is the result of research that proposes find Early Childhood Education teachers with planning and actions toward the playful. As an initial objective, the research aims to evaluate the role of playfulness as a pedagogic device to the learning process of children of the first stage of basic education and which the reflective look that teacher has its importance in the Early Childhood Education Institution. This is a qualitative research based on conceptions of Ariès (1981), Kishimoto (1994, 1998, 2011), Huizinga (2012), in which a questionnaire with open questions for teachers who work in the Center of Child Education was used integrated Early Childhood Education – CIEI, the Jardim/MS city. The results show that teachers know they should not just be spectators in the classroom, but active participants in the play, and that play is

essential in early childhood education. From the search results of the analysis we observed that teachers know the importance of always interact with children in times of play and in recreational activities, as this significantly increases their development at the stage of early childhood education.

Keywords: Teacher. Playfulness. Learning. Child education.

1 Introdução

A manifestação de interesse acerca das questões que envolvem o estudo da Educação infantil e o lúdico, iniciou-se com texto de pesquisa, escrito enquanto aluna de pós-graduação em docência promovida pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no município de Dourados/MS. Este tema, vem ao encontro de lembranças da minha infância. Um dos exercícios propostos pela professora da disciplina foi elaborar um memorial que me fez relembrar alguns fatos dessa infância, principalmente quando ingressei na escola primária, nos primeiros anos escolares, época marcada pelos momentos em que a professora proporcionava atividades lúdicas. Na

minha concepção de criança, sempre achava muito prazerosas as brincadeiras que ela sugeria nos momentos de roda, mas não tinha a consciência da importância do brincar na escola e do quanto estava facilitando o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento individual de cada uma das crianças da minha idade.

Buscando minhas lembranças, vejo que a minha professora tinha conhecimento que a criança é sujeito histórico e de direito, que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas. Nessa condição, faz amizades, brinca com água e terra, faz de conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentido sobre o mundo e sua identidade pessoal e coletiva, produzindo cultura. E no processo de desenvolvimento das crianças, principalmente no jogo de faz de conta, atividade na qual surge um mundo fascinante da imaginação que se deve refletir que as interações e brincadeiras estão sendo desenvolvida pelo professor nessa relação de ensino e aprendizagem,

isso é constatado por Vygotsky (1998), ao afirmar que:

A tendência de uma criança muito pequena é satisfazer seus desejos imediatamente; [...]. No início da idade pré-escolar, quando surgem os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos, e permanece ainda a característica do estágio precedente de uma tendência para a satisfação imediata desses desejos, o comportamento muda. Para resolver essa tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo (p. 122).

Nessa perspectiva, buscou-se encontrar professores de Educação Infantil com planejamentos estruturados no cotidiano da Instituição Infantil considerando a integralidade e indivisibilidade das dimensões expressiva-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética e sócio cultural da criança com ações voltada para o lúdico, dando oportunidade para as crianças interagirem com o meio e permitindo que elas mesmas possam, aos poucos, descobrir o mundo adulto.

Assim, pretendeu-se, com os relatos, saber o quanto o professor tem conhecimento da importância da ludicidade para o desenvolvimento

infantil e sua aprendizagem. Na pesquisa buscamos observar o desenvolvimento do trabalho do professor de Educação Infantil voltado para ludicidade, analisando as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores de Educação Infantil e verificar o quanto esses profissionais de educação conhecem os processos de desenvolvimento e de aquisição de conhecimento da criança, com experiências organizadas de forma a oferecer oportunidades formais e informais de aprendizado para criança em seu ambiente.

A pesquisa foi, então, realizada nas salas de Educação Infantil na Rede Municipal no Centro Integrado de Educação Infantil (CIEI), com dez professores nos períodos matutino e vespertino em cinco salas onde foram realizadas observações e aplicados questionários com questões abertas no sentido de identificar o desenvolvimento do trabalho lúdico dos profissionais que lá atuavam. O caráter qualitativo do questionário proporciona compreender o fenômeno segundo a perspectiva do sujeito, ou seja, dos

participantes da situação em estudo (GODOY, 1995).

Inicialmente, buscou-se o papel da ludicidade, no processo de aprendizagem e de desenvolvimento infantil, baseada nas descobertas de Kishimoto (1998, 2011), que destaca que, ao brincar, a criança trabalha sua imaginação, seu raciocínio e sua interação com o mundo que a cerca, passando a obter domínio de situações, passando a romper barreiras, ganhando autonomia e ampliando seu processo de desenvolvimento.

Para Huizinga (2012), o brincar, esteve presente na educação dos mais diferentes grupos humanos da história, sendo uma atividade vital, pois é mediante o brincar que cada criança se interessa pelo desconhecido, se encanta com o imprevisto e se entusiasma com a liberdade. O brincar, para ele, envolve uma série de atividades físicas, mentais, sociais, comunicativas e emocionais, que são fundamentais para o desenvolvimento humano (HUIZINGA, 2012).

Assim sendo, destaco que, com o curso de Especialização em Docência

na Educação Infantil, tenho a oportunidade de aprimorar os conhecimentos na concepção do desenvolvimento infantil dando ênfase nas brincadeiras das crianças. E agora, neste novo percurso da elaboração deste artigo, temos uma nova oportunidade, a de unir práticas com os referenciais teóricos pesquisados, reconstruindo novas práticas sobre o papel da brincadeira no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Cabe registrar ainda, de que o lúdico na educação infantil, vai além de vários brinquedos e de um espaço repleto de jogos pedagógicos ou de uma brinquedoteca. Na verdade, brincar requer principalmente magia, fantasia, sonho, ludicidade, paixão pela brincadeira e pelas possibilidades de vida, crescimento, aprendizagem e desenvolvimento. Em outras palavras, brincar requer um espaço de criação, de imaginação e de interação social.

2 A abordagem histórica da Educação Infantil e suas brincadeiras: um resgate

Em relação entre infância e brincadeira, é necessário resgatar o ato de brincar enquanto experiência lúdica, pois o lúdico possibilita o acesso à cultura e à apropriação com valores e conhecimentos para a vida em sociedade, habilitando a criança para o equilíbrio de vida entre o real e imaginário.

A perspectiva do brincar vem das novas concepções da infância nos dias atuais e, essas concepções são bem diferentes em visão de mundo e humanidade do que aquelas dos séculos passados e antigos.

Como se sabe, na Idade Média, a criança era vista como um adulto em miniatura, e então lhe era cobrado que executasse as mesmas tarefas dos mais velhos (ÁRIES, 1981). A infância era apenas um estado breve de transição para a fase adulta, não se dispensando nenhum tipo de tratamento especial aos infantes e, esses descuidados, maus tratos, doenças epidêmicas e desinformação generalizada lhes tornavam muito difícil sua sobrevivência, havendo grande

mortalidade infantil sem comoção social por isso.

Para a sociedade medieval, segundo Áries (1981), o que importava era a criança crescer, e assim, poder participar do trabalho e de outras atividades dos adultos. Nessa época, as crianças já a partir dos sete anos de idade, eram disponibilizadas para famílias estranhas, em especial para aprender as tarefas domésticas e nelas trabalhar. O aprendizado era inculcado mediante a prática, sendo que esse trabalho doméstico não era considerado humilhante, e sim uma maneira de educação, tanto para o rico quanto para o pobre. Em relação às brincadeiras medievais, as crianças geralmente brincavam objetos como cavalos de pau ou bonecas, com miniaturas de moinhos (em madeira) e até com de pássaros ou besouros amarrados, sendo essas as brincadeiras consideradas recreativas e educativas (ÁRIES, 1981).

Depois, na idade moderna, no final do século XVIII europeu, com a chamada Revolução Industrial, deu-se o início do fortalecimento da sociedade capitalista dominada pelas indústrias

baseadas em ciência e tecnologia. Nessa época, passou a ocorrer outro tipo de exploração do trabalho infantil, como mão de obra barata nessas fábricas e sem nenhum controle das autoridades competentes. Devido a essa situação começaram as discussões entre intelectuais visando à formulação de novos hábitos e de leis, no encaminhamento da criação de um tipo de ensino para as classes mais baixas e de outro tipo para burgueses e aristocráticos, dando início à discriminação no sistema educacional (KUHLMANN JR., 1996).

No Brasil, naqueles tempos monárquico-colonial entre os séculos XVII e XVIII acontecia o surgimento e manutenção da chamada Roda (por extenso, "a roda dos expostos"), atividade essa assumida por conventos católicos que recebiam em internato crianças abandonadas de qualquer cor, sendo que a maioria eram filhos de escravas. Esse abandono decorria, entre outros fatores, do fato de que muitas escravas eram, na época, requisitadas como amas de leite pelos proprietários e estes normalmente não permitiam que

tais escravas ficassem acompanhadas dos próprios filhos (FREYRE, 1995).

Assim, de acordo com as intenções e desejos da sociedade, a concepção de infância muda no contexto social e histórico. Kramer (2007, p. 15) discorre sobre a infância e sua constituição histórica.

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância.

Já em tempos do século XIX, esses conceitos de infância vão se modificando, a criança é percebida de forma diversificada ao longo dos tempos, conforme as determinações das relações de produção vigentes em cada época. Assim, é necessário reconhecer e compreender os diferentes contextos sociais e culturais.

Início do século XX e da proclamação da República, a mortalidade infantil era muito alta, havia muita desnutrição e os acidentes domésticos favoreceram muito a necessidade das crianças serem atendidas fora do ambiente familiar. Então, com os avanços da industrialização e as mulheres cada vez mais no mercado de trabalho, foi aumentando a demanda dos serviços das instituições de atendimento à infância (KUHLMANN JR., 1998). Mesmo assim, até os anos 1970 foram feitas poucas medidas em relação à legislação de ensino. Somente na década de 1980, pesquisadores na área da infância, comunidade acadêmica e população civil juntaram forças com o objetivo de informar a sociedade sobre o problema e, com isso, garantir à infância, o direito a uma educação de qualidade desde nascimento.

Foi no ano de 1988, na promulgação da nova Constituição Federal, que realmente começaram avanços significativos para a infância brasileira. Essa conquista está inscrita no artigo 208 – inciso IV, que prevê

"[...] atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade" (BRASIL, 1988). Logo em seguida, no Estatuto da Criança e do Adolescente, no artigo 16, inciso IV, consta referência ao brincar, dizendo: "O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: [...] IV. Brincar, praticar esporte e divertir-se" (BRASIL, 1990). Tal lei deixa claro que os menores de 14 anos não podem trabalhar só no critério de aprendiz, e marca o direito à liberdade, ao brincar, à prática de esporte e à recreação.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998) trata o ensino infantil livre como espaços para as diversas linguagens e brincadeiras, em que pode ser usada a criatividade, a inovação e a iniciativa por parte dos executores e a brincadeira como função exclusiva, pois é por meio do brincar que a criança explora e interage com o mundo e é também uma forma de internalizar regras e papéis sociais para a vida em sociedade (RCNEI, 1998).

Dois anos depois da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional — LDB (Lei Federal nº 9.394/1996) foram aprovados os documentos considerados “Subsídios para o crescimento e o funcionamento das instituições de Educação Infantil” (BRASIL, 1998b), colaborando expressamente para a elaboração de diretrizes e normas da educação da criança pequena por todo território nacional, e também foram oficializados os “Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil” (BRASIL, 1998), para contribuir com as práticas pedagógicas de qualidade nos centros de Educação Infantil.

Esses documentos ressaltam que a infância é um tempo oportuno para a criação, a descoberta e a representação do mundo, por isso o brincar é a forma de comunicação e expressão da essência do ser humano, mesmo que não tenha consciência disso. É o caso de muitas crianças, que brincam sem saber que estão se revelando para o mundo. Nesse sentido, brincar é uma experiência de cultura, importante não apenas nos primeiros anos da infância, mas por toda vida (FRIEDMAN, 2005).

E, como mostram os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2002, p. 2):

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação, isto significa que aquele que brinca tem o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. [...]. A brincadeira favorece a auto-estima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos adultos, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em singular de constituição infantil.

O RCNEI (1998) deixa claro que a brincadeira é um meio que favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a se superarem progressivamente, de forma criativa e transformando o conhecimento já adquirido em conceitos gerais.

A brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem em que o desenvolvimento pode ir a níveis mais elevados, em especial pela interação entre outros indivíduos em uma situação imaginária e pela negociação de regras de convivência de conteúdos. É preciso proporcionar o brincar com as crianças e aprender com elas a rir, a inventar, a representar, a sonhar e a imaginar.

Por fim, cabe mencionar, neste breve histórico, que as instituições de Educação Infantil no Brasil, a partir do ano de 2013 e início do ano de 2014, receberam um manual de orientação pedagógico intitulado “Brinquedos e Brincadeiras nas Creches” (UNICEF/MEC). Trata-se de um documento técnico com a finalidade de orientar os professores, educadores e gestores na organização e no uso dos brinquedos e demais materiais e no desenvolvimento de brincadeiras. Esse manual certamente vem ao encontro das necessidades das crianças e auxilia os profissionais que ainda não têm uma formação na área.

3 A abordagem teórica das brincadeiras e ludicidade: uma reflexão

Quando pensamos na trajetória da criança na Educação Infantil, destacamos as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNEI (BRASIL, 2009) que orientam na formulação de políticas, incluindo a formação de professores e o brincar, como uma ferramenta fundamental no desenvolvimento integral da criança, sendo que por meio das brincadeiras, elas adquirem experiências e conceitos sobre o mundo que as cerca, pois mediante a ação do brincar são motivadas a explorar, a experimentar, a criar e a recriar de muitas maneiras e formas. E o lúdico vem sendo cada vez mais usado na Educação Infantil, pois no brincar a criança toma certa distância da vida cotidiana, entra no mundo do imaginário sem se preocupar com aquisição do conhecimento ou desenvolvimento de qualquer habilidade.

Segundo o artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação Infantil (DCNEI), os eixos

norteadores das práticas pedagógicas devem ser as “interações e as brincadeiras”, indicando que não se pode pensar no brincar sem interações. Assim, a principal atividade do dia-dia da criança é o brincar. Diferente do brincar no jogo com regras que estabelece o obstáculo a ser vencido, dando oportunidade à criança adquirir novos conhecimentos e habilidades, sendo que a priorização da sua contribuição para o desenvolvimento da criança, é de grande efeito, conforme se pode ler a seguir:

O uso do brinquedo/ jogo educativo com fins pedagógicos remete-nos para a relevância desse instrumento para situações de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento infantil. Se considerarmos que a criança pré-escolar aprende de modo intuitivo e que adquire noções espontâneas em processos interativos, envolvendo o ser humano inteiro com suas cognições, afetividade, corpo e interações sociais, o brinquedo desempenha um papel de grande relevância para desenvolvê-la. Ao permitir a ação intencional (afetividade), a construção de representações mentais (cognição), a manipulação de objetos e o desenvolvimento sensório-motor (físico) e as trocas nas interações (sociais), o jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil (KISHIMOTO, 2011, p. 40).

A autora afirma que a brincadeira e o jogo, contribuem para o aprendizado da criança e, que é nas atividades lúdicas que ocorre o trabalho mais intensificado na imaginação e no raciocínio para poder entender o que está acontecendo. Destaca também que, quando assumimos a função lúdica e educativa, devemos ter muito cuidado, pois o brinquedo pode trazer diversão, prazer e desprazer na forma lúdica e pode ensinar a ter uma visão de mundo, e adquirir conceitos e hábitos que influenciarão no seu caráter pessoal (KISHIMOTO, 2011, p. 41).

Quando se faz uma reflexão sobre a brincadeira tradicional infantil, vamos também ao encontro das culturas populares desenvolvidas na oralidade e nas artes plásticas e em constante transformação de geração em geração. Então, a brincadeira infantil remete as crianças para essa cultura popular, que é a produção de um povo em determinado período histórico (KISHIMOTO, 2011, p. 43).

O brinquedo também possui uma dimensão histórica e cultural cuja apresentação torna-se primordial para

sua compreensão. Os termos criança, infância e brinquedo são construções sociais. Tais construções sociais são representações criadas pela sociedade para identificar coisas ou objetos.

De acordo com Huizinga (2012), o jogo é mais antigo que a cultura, e a atividade lúdica sempre esteve presente na vida das pessoas e dos animais. É pela vivência do lúdico que os seres experimentam o prazer e o divertimento. Vale lembrar que encontramos o jogo presente em todas as partes do mundo com comunidades humanas, pois os jogos funcionam como forma específica de atividade e função social.

Retomando a importância da brincadeira no processo da interação no contexto da Educação Infantil, destacando esse tema da ludicidade,

Como toda brincadeira é governada por regras (as da imaginação), brincar constrange as crianças ao mesmo tempo em que as libera, ou seja, ajuda-as a dominar impulsos imediatos e a se controlar pelo bem da brincadeira, criando um desejo de segunda ordem, um afeto que incorpora outro afeto. Nela as crianças criam necessidades e desejos relacionando-os a um “eu” fictício e se apropriam de normas sociais. Isso possibilita a criação de uma situação imaginária que tem que se articular com

as limitações colocadas sobre as possíveis ações que ocorrem no jogo. (OLIVEIRA, 2011, p. 78).

Destarte, quando a criança brinca, ela fica distanciada do mundo real, criando ilusões onde só o lúdico tem destaque no seu imaginário, construindo um mundo em que possa ser soberana.

Um destaque relevante de Oliveira (2011, p. 124) é o de que o profissional na área da Educação Infantil deve ter como meta conscientizar-se de que é a criança que deve ser o protagonista do seu próprio desenvolvimento, o que vale dizer que é a criança que deve ser capaz de aprender, com suas experiências nas práticas concretas e nas culturais. Isso significa que a atuação que cabe aos profissionais da área, é a de construir mediações para a melhor interação infantil.

Conforme Kishimoto (1994, p. 15), o jogo, na educação, tem sido destacado no início deste século, principalmente por causa do crescimento da área da Educação Infantil em todo o país. Por isso, os jogos educativos estão em alta,

estritamente interligados com a melhoria do aprendizado. Mesmo assim, existe o aspecto negativo de que o jogo tradicional infantil, ainda está ligado ao jogo livre, situação escolar em que a criança brinca só por prazer, e em que as experiências são apenas as espontâneas, ficando na dependência exclusiva da motivação interna da criança.

Kishimoto (2011, p. 106) destaca que, ao contrário, é fundamental que o mediador tenha conhecimento para perceber que a criança, se bem orientada, é capaz de efetivamente aprender em suas ações lúdicas. E lembra que o conhecimento intelectual, não é apenas acúmulo de informações, e sim, a reorganização das informações anteriores:

O mediador deve respeitar o interesse do aluno e trabalhar a partir de sua atividade espontânea, ouvindo suas dúvidas, formulando desafios à capacidade de adaptação infantil e acompanhando seu processo de construção do conhecimento (KISHIMOTO, 2011, p. 106).

Assim, destacamos que o professor, para poder orientar, deve participar ativamente nas brincadeiras das crianças. E a sua interação com os

alunos, não deve estar somente ligada ao lúdico, precisa saber escolher o material adequado para cada evento de uso das brincadeiras, pois, segundo Kishimoto (2011, p. 41), “[...] brincadeira de alta qualidade faz diferença nas experiências futuras”.

Com essa perspectiva, nota-se o valor do papel do professor no desenvolvimento das atividades lúdicas, do seu convívio com as crianças, integrando-se nesse convívio ativamente de forma que essas atividades alcancem os objetivos planejados. Cabe ao professor, estimular brincadeiras, ordenar o espaço interno e externo da instituição infantil, facilitar a disposição dos brinquedos, mobiliário, e os demais elementos da sala de aula.

Assim sendo, a brincadeira tem papel dominante na compreensão da aprendizagem exploratória, favorece ações diferentes e a busca de escolhas não formais, tudo associado ao pensamento intuitivo. A brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. O brincar

não só requer muitas aprendizagens como também constitui um espaço de aprendizagem.

4 Discussão e análise

O passo delineado para o desenvolvimento da pesquisa e a característica da instituição de Educação Infantil CIEI envolvida no estudo se faz presente neste contexto.

Ao desenvolver esse trabalho o objetivo inicial foi encontrar profissionais da Educação Infantil que tenham a pedagogia voltada para o lúdico como uma ferramenta pedagógica para a aprendizagem, na perspectiva de verificar, organizar, planejar e avaliar o conhecimento lúdico. Para tanto, nós nos utilizamos de procedimentos próprios de pesquisa de campo, procedimentos que, de acordo com Gil, devem ter um caráter programático, constituindo “[...] processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego do procedimento científico” (1999, p. 42).

Nesse sentido, o instrumento da investigação foi através de um questionário contendo cinco questões abertas, direcionado a dez professoras (de crianças de 3 a 5 anos de idade) de Educação Infantil, no qual identificamos pelos números de 1 a 10 para assim, resguardar a identidade dos mesmos.

Depois da coleta de dados, o material foi organizado e transcrito em forma de relatório e analisado, buscando a sustentação teórica para a pesquisa.

O questionamento foi elaborado com questões voltado para o tema brincar no processo ensino-aprendizagem na Educação Infantil. Todas as educadoras entrevistadas reconhecem que o brincar faz parte do dia a dia escolar da criança e que a brincadeira é um subsídio eficaz para construção do conhecimento. Segundo Kishimoto (2011, p. 51):

Uma das tarefas centrais do desenvolvimento nos primeiros anos de vida é a construção dos sistemas de representação, tendo papel-chave neste processo a capacidade de “jogar com a realidade”. É nesse sentido que podemos dizer que o jogo simbólico constitui a gênese da metáfora, possibilitando a

própria construção do pensamento e a aquisição do conhecimento.

Daí decorre o entendimento de que, ao brincar, a criança é protagonista de sua história, é sujeito da construção de sua identidade. É brincando, que ela elabora conceitos e exterioriza o que pensa da realidade.

Na abordagem sobre o papel que o professor tem durante as brincadeiras, os sujeitos respondentes ao questionário apontam categoricamente que sua função é a de mediador, de facilitador e de criador de condições, para que as crianças explorem, manipulem materiais e interajam com os colegas e possam resolver situações-problema; “O professor deve ser um facilitador da aprendizagem, criando condições para que as crianças explorem seus movimentos e manipulem materiais, resolvendo situações problemas (sic)” (Sujeito 10).

Vygotsky (1998) partiu do princípio que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas, que são mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Nesta perspectiva,

a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito. A brincadeira e o faz-de-conta seriam considerados como espaços de construção de conhecimentos pelas crianças, na medida em que os significados que ali transitam são apropriados por elas de forma específica.

Dessa forma, segue a ideia de Kishimoto (1994, p. 20):

A verbalização do professor deve incidir sobre a valorização de características e possibilidades dos brinquedos e possíveis estratégias de exploração. Enfim, o professor deve oferecer informações sobre diferentes formas de utilização dos brinquedos, contribuindo para ampliação do referencial infantil. O educador deve, também, brincar e participar das brincadeiras, demonstrando não só o prazer de fazê-lo, mas estimulando as crianças para tais ações.

O educador deve proporcionar momentos agradáveis dando espaço à criatividade e tem o compromisso de buscar o bem-estar das crianças durante o processo de aprendizagem.

No questionamento sobre de que forma cada professora inclui as brincadeiras no planejamento, os sujeitos da pesquisa, em sua maioria,

deixaram claro que o lúdico está presente no planejamento. Vimos na fala da professora:

Procuro incluir o brincar nos diferentes eixos. Ex.: Cantar músicas, recitar parlendas, contar e recontar histórias, dramatizar, modelagem, pintura, danças, na Educação Infantil utilizo muito o lúdico (Sujeito 4).

Entendemos, assim, que, mediante atividades lúdicas, é possível criar situações de aprendizagem e que as aulas se tornam motivadoras, dinâmicas, interessantes e prazerosas para as crianças. Para Kishimoto (2011, p. 106), o professor precisa respeitar os interesses dos alunos e "trabalhar" com as atividades espontâneas. Como praticar isso? Ouvindo as dúvidas dos alunos e reformulando novos desafios para sua capacidade e, principalmente, acompanhando seu processo da construção do conhecimento.

É importante demarcar que o eixo principal em torno do qual o brincar deve ser incorporado em nossas práticas é o seu significado como experiência de cultura. Isso exige que a garantia de tempos e espaços para que as próprias crianças e os adolescentes criem e desenvolvam suas brincadeiras, não apenas em locais e horários destinados pela escola a essas atividades (como os pátios e parques para recreação), mas também nos espaços das salas de aula,

por meio da invenção de diferentes formas de brincar com os conhecimentos (BORBA, 2006, p.44).

Outro questionamento que fizemos, foi em relação à maneira de mediação que o professor utiliza com a criança durante as brincadeiras. Os educadores lembram que o papel principal deles, é de incentivadores, de organizadores e sujeitos participativos nas brincadeiras. Essa mediação deve ser na perspectiva de novas aprendizagens, estimulando a construção de novos conceitos e habilidades para solucionar obstáculos que ocorrem durante as brincadeiras. Quanto a isso, para Kishimoto (2011), o desenvolvimento intelectual não é acúmulo de conhecimento, e sim, buscar informações anteriores quando necessárias em um determinado momento de relação. E que o conhecimento vem de um processo natural de assimilação e não de registro.

E, para finalizar, o último item questionado foi sobre a maneira como os professores aproveitam as brincadeiras na sua prática pedagógica e se acreditam que assim é respeitado o caráter natural da criança. Segundo os

dados coletados e analisados a maioria concorda que toda criança gosta de brincar, e, que o brincar proporciona uma aprendizagem mais significativa e dinâmica. E aproveitam as brincadeiras nas práticas pedagógicas sempre partindo do que a criança sabe.

Toda criança gosta de brincar, é um ato natural da infância onde todos nós passamos. Deve-se aproveitar esse momento do lúdico para proporcionar um aprendizado significativo (sujeito5).

Percebe-se com essa fala, que a educadora, utiliza-se de vários recursos para trabalhar o lúdico e as atividades mais frequentes são as brincadeiras infantis.

Neste ponto da explanação, não poderia deixar de acrescentar o parecer de Friedmann (2012), para quem o educador pode avaliar a brincadeira e jogo. Lembra que ambas, devem surgir de algo que seja interessante à criança, que deve dar oportunidade de avaliar seus atos e ações, levar a participação integral da criança proporcionando sentimento de envolvimento e atividade mental. O educador para a autora, não deve esquecer que as atividades lúdicas devem ser estimulante para a atividade

mental, emocional, corporal e social das crianças e menciona o quanto é necessário o apoio do profissional no papel de mediador nas brincadeiras infantis, ou seja, o quanto é necessária a interação humana em captar e completar o personagem que o outro assume em determinadas situações para que a aprendizagem seja significativa. Para Oliveira (2011), a interação social se dá por meio de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre fatores biológicos e sociais e entre o indivíduo e o meio, cada aspecto influenciando sobre o outro. E a criança, vai construindo seu conhecimento e elaborando a formação do seu eu como sujeito, na interação com outros indivíduos.

Diante da pesquisa e dos embasamentos teóricos, pode-se concluir que o lúdico é uma ferramenta fundamental para os profissionais de Educação Infantil, pois através dele o professor pode desenvolver seu trabalho de forma diferenciada e bastante ativa.

5 Considerações finais

Considerando as respostas das questões norteadoras que deram suporte a esta pesquisa, os resultados alcançados ao término dessa etapa do trabalho permitem considerar que o brincar faz parte da vida escolar da criança, e, que possibilita o desenvolvimento social, mental e afetivo, pois tudo que envolve o lúdico, se bem intermediado pelos educadores, permite à criança desenvolver sua imaginação, sua criatividade e suas fantasias.

Muitos são os desafios que a educação infantil precisa enfrentar, e um deles é fazer com que a criança seja reconhecida como sujeito de direitos, cidadã. É necessário assegurar à criança, condições para o seu desenvolvimento, não só na letra da lei, mas no plano concreto e real, onde o direito de brincar seja legitimamente reconhecido, assim como o seu tempo e o seu espaço sejam respeitados e ganhem também sua devida importância.

O resultado da pesquisa mostra que a maioria dos professores tem

consciência da importância da ludicidade na vida das crianças, e que as atividades lúdicas têm que ter a participação deles ativamente e que devem intervir no momento certo e observar se estão conseguindo atingir os adjetivos propostos.

Os professores pesquisados demonstram conhecimento sobre o brincar e sobre o quanto ele é importante para o desenvolvimento das crianças e que sua participação docente nesse processo é a de estimulador, de facilitador e de mediador, oportunizando situações para a criança aprender por si mesma. Quanto a isso, é certo que ainda é necessário sensibilizar o profissional da educação infantil, de que o lúdico é um recurso de ação, um meio de garantir a construção do conhecimento, inclusive de conteúdos, pois propõe problemas, cria situações e assume condições na interação, e é responsável pelo desenvolvimento da criança.

Ainda encontramos alguns profissionais que precisam ser capacitados em relação ao lúdico. Com a realização da pesquisa percebemos

que ainda falta conhecimento com embasamento teórico, pois o lúdico não é um mero passatempo, valendo dizer que é com as formas de mediação que os professores irão garantir que as crianças brinquem e aprendam na Educação Infantil. Assim, através da atividade lúdica é possível realizar a experimentação de mundo e de si mesmo.

Diante da pesquisa e dos resultados aqui apresentados, podemos concluir, que o brincar é a ação lúdica essencial na Educação Infantil, no qual corrobora no processo de desenvolvimento da criança em vários aspectos de sua capacidade de interação com o mundo que está a sua volta e que faz parte desse contexto, agindo e interagindo de forma a aprender e a entender o mundo através da imaginação presente nas brincadeiras.

É, portanto, fundamental que os professores tenham conhecimentos aprofundados e compreendam a importância das brincadeiras e das atividades lúdicas, para que possam organizar o processo educativo, de modo positivo e, contribuir com o

desenvolvimento das crianças, pois sem essa compreensão correm o risco de uma prática educativa equivocada, que, por muitas vezes, desenvolve brincadeiras que acabam sendo competitivas ao invés de cooperativas.

Referências

ARIÉS, Philippe. O sentimento da infância — descoberta da Infância. In: *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BORBA, Ângela M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, MEC/SEB. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento* — Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006

BRASIL. *Constituição Federal do Brasil*, Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução Nº 5, de 17 de Dezembro de 2009. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*, 2009.

BRASIL. *Brinquedos e brincadeiras nas creches*. Brasília, DF: Unicef, 2012.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF: Senado, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

FRIEDMAN, A. *Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil*. São Paulo: Moderna, 2005.

FRIEDMAN, A. *O brincar na Educação Infantil: Observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012.

GIL, Antônio Carlos. *Método e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999. p. 42.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, nº 2, abr. 1995.

HUIZINGA, Johan. *O jogo como elemento da cultura*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O jogo e a educação infantil*. Cengage Learning Edições, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O brincar e suas teorias*. Cengage Learning Edições, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). *Jogo, brinquedos brincadeiras e educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007

KUHLMANN JR., Moysés. *Infância: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUHLMANN JR., Moysés; FREITAS, Mário C. (Orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

KUHLMANN JR., Moysés. História da educação infantil brasileira. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas (Editora Autores Associados), nº 19, jan./fev./mar./abr. 2000.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. *Jogo de papéis, um olhar para as brincadeiras infantis*. São Paulo: Cortez, 2011.



STEARNS, Peter. *A infância*. São Paulo: Contexto, 2006 (Coleção Histórica Mundial).

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

Recebido em: 13 de junho de 2016
Revisado em: 21 de setembro de 2016
Aceite final em: 22 de setembro de 2016